

## UM SONHO...AMARELLO

Hiro Fujiato é um japonês ilustrado, de bellas maneiras e da melhor apparencia.

Encontrei-me com elle em uma viagem que fiz pelo litoral paulista, esse infeliz litoral tão fértil, tão ancioso de progresso e tão esquecido das administrações paulistanas.

Eu e Hiro Fujiato fomos companheiros de viagem durante quinze dias. Companheiros inseparáveis. Japonês culto, fallando bem o portuguez, o castelhano, o inglez e o francez. Hiro mais parecia um inspector das colonias japonezas, disseminadas e florescentes por toda zona littoranea paulista, do que um simples touriste.

Tudo elle observava com a mais cuidadosa e meticulosa attenção; indagava as cousas, queria saber tudo em pormenores e de tudo o que via e ouvia tomava notas em um pequeno caderno grosso, de bella capa e optimo papel. Infelizmente suas notas eram em japonês.

No quarto dia da nossa viagem no quarto de um modesto hotel, eu e Hiro falávamos sobre o atrazo do littoral, em comparação com outras zonas paulistas. Nem autoestradas, nem estradas de rodagem, nem navegação, nada, nada, progresso nenhum. Hiro abanava a cabeça como quem confirmava e em tom mysterioso e compenetrado me disse: - Um dia virá, doutor, que esta zona, como todas as outras do Brasil, será rica, prospera e feliz.

Um dia chegará que no Brasil inteiro não haverá nem um metro de terra que não seja aproveitado, nem habitante nenhum que não seja um productor."

Elle falou seriamente, emphaticamente, de modo apolyptico.

Embora me impressionasse com o ar sentencioso do meu sympathico companheiro amarello, não liguei muita importância ao caso.

Passam-se alguns dias e Hiro Fujiato sempre solícito e observador continuava em minha companhia sua viagem de estudos e pesquisas. Tudo lhe interessava; o commercio de bananas, sua produção, acondicionamento e exportação mereceram cinco ou seis paginas do seu caderno.

Sobre o plantio, produção e exportação de cereaes, especialmente arroz, outras paginas foram escriptas nesses caracteres hieroglyphicos que formam o idioma japonês. A navegação de cabotagem, os portos, os rios, a navegação fluvial, as estradas de ferro e autoestradas que se podiam construir e as já construídas, tudo ia para o caderno de notas do meu amigo Hiro.

Eu quanto mais observava Hiro, mais o admirava. Era um rapagão forte, elegante, trajando com decência; era sóbrio, trabalhador, pertinaz, inteligente e assimilador como todo japonês.

Um único defeito elle possuía ao meu ver; - era de gostar de beber chop ou vinho ás refeições. Como sempre fui absolutamente abstêmio, tenho para mim ser um defeito beber-se qualquer bebida alcoólica, em qualquer quantidade e em qualquer lugar ou ocasião.

Hiro, porém, não abusava; apenas acompanhava ou regava cada refeição com um copo ou copo e meio de bom vinho ou com dois chops. Mas, não se embriagava, e, durante os dias em que vivemos juntos, nunca o vi beber a não ser nas refeições.

Um dia fui convidado para um jantar e, não tendo Hiro querido me acompanhar, deixei-o no hotel.

Após o jantar, em casa de distinta família, seguiu-se animada prosa, musica e dança, e, quando procurei o hotel, já passavam das 22 e meia horas.

Encontrei o meu amigo Hiro em estado de plena agitação e tudo o que era seu na mais completa desordem. Livros, mappas, diagramas, notas, tudo espalhado e elle deitado na cama em desalinho parecia tomado de subanea loucura.

Fiquei de longe a observá-lo e elle ora se levantava, ora se ajoelhava, ora se punha de pé, ora tomava posições de defeza, ora posição de ataque, para depois cahir em uma certa prostração que durava pouco.

- "Hiro, Hiro, que é isto, que tem o amigo?! Perguntei lhe eu.

A resposta a principio em japonês, foram monosyllabos aglutinados para mim incompreensíveis. Mas insistindo, consegui que elle abrisse os olhos, me contemplasse, me reconhecesse. Rio-se então. Um riso amarello e incerto. E fallou em portuguez:

- "É a guerra, doutor, amigo, é a guerra!"

- "Qual guerra Hiro, está doente ou está sonhando. Precisa de um calmante.

- "Não, amigo, não, obrigado. É a guerra, é a terrível guerra, que eu tanto esperava entre o meu paiz e os Estados Unidos. Foi uma cousa horrível, doutor amigo, mas estou satisfeito. O Japão ganhou. Venceu em tudo. A muito tempo que o Japão o vem se preparando para essa guerra. Tudo era feito no maior segredo. Os grandes navios, navios de guerra. Os cruzadores velocíssimos. Os aeroplanos gigantes e perfeitamente estáveis. Os mais mortíferos gazes asphyxiantes que o mundo póde produzir. As carabinas e metralhadoras de grande alcance. Os formidáveis canhões de cem, duzentos e mais kilometros.

Os estupendos submarinos, terríveis armas de destruição. Tudo Japão fazia em segredo para surpreender Estados Unidos e o mundo.

Japão, neste mundo, só temia Estados Unidos. Agora que Japão o venceu Japão é senhor do mundo...”

E o meu amigo sentou-se arfando. Parecia ter feito esforços inauditos, estava cansado e de physionomia fatigada e triste.

Contou-me como foi a guerra que elle viu, em sonho, já se vê.

Narrou-me o começo. A acção fulminante dos aeroplanos e submarinos japonezes destruindo a esquadra de guerra norte-americana em quatro dias de guerra e bloqueando os portos yankees. Depois a destruição das cidades e da população por meio de tiros dos colossaes canhões que ao mesmo tempo destruíam e espalhavam gases deletérios que produziam a morte instantaneamente. Depois o desembarque de tropas japonezas. A resistência que em poucos dias foi vencida e, finalmente a victoria que entregou o mundo ao Japão.

E o meu amigo Hiro explicou:

- “O mundo é nosso, doutor, completamente nosso, mas não queremos o mundo todo.

Da Europa nada desejamos. Da Africa também nada pretendemos a não ser o domínio do Canal de Suez. Da Asia apenas ficamos com toda a China, parte da Siberia e toda a Indo-China. Da America só queremos a parte occidental dos Estados Unidos, todo o México e America Central até o canal do Panamá e America do Sul ficaremos com essa região estupefaciente, região comprehendida entre o rio Amazonas ao norte, os Andes Bolivianos, os rios Pilcomayo, Apa, Ivinheima e Parapanema ao sul.”

E começou a desenrolar mappas, croquis e cartographias varias.

- “Quer dizer que o Japão quer ficar com a maior parte do Brasil, disse-lhe eu”.

- “De certo, amigo. Faz muito tempo que o Japão deseja isto. Você presta atenção a direcção que damos ás nossas correntes emigratórias. Olhe aqui este mappa:

- Na republica do Equador localizamos núcleos de japonezas nas províncias de Leoja e Azuay; no Perú nas províncias do norte de Tumenez, Piúra, Lambayeque, Cajamarca e Loreto e no norte do Brasil, na margem direita do Amazonas são numerosas as nossas colônias nos Estados do Amazonas e do Pará. É uma linha quasi recta.

Ao sul temos grande numero de patrícios nas províncias peruanas de Arequipa, Tuno, Moquegua e Tacna e Arica; no Chile nas de Tarapaca e Antofogasta, na Bolivia, nas de La Paz, Oruro, Potosi, Cochabamba, Chuquisaca e Santa Cruz e finalmente no Brasil, vamos seguindo em linha dupla de núcleos coloniaes, ao longo da Estrada de ferro Noroeste nos Estados de Matto-Grosso e São Paulo, para, neste ultimo Estado, nos espalharmos por todo seu território Sul até o rio Paranapanema.”

- “Mas isto não passa de um sonho”, disse-lhe eu.

- “Não, amigo, não é sonho, veja estes documentos.

É pena que o amigo não fale minha língua. Ahi está tudo explicado. É cousa certa e determinada que Japão vae ser senhor das melhores terras do mundo. E Japão precisa do Brasil central, do Amazonas até São Paulo, assim como precisa do Perú e da Bolivia. Japão tem commercio, Japão tem industria, Japão tem muita gente. Falta terra ao Japão. Japão vae buscar terra onde há terra boa e no Brasil tem tanta terra boa para pouca gente e gente preguiçosa que não sabe trabalhar, nem sabe governar o que é seu.

Brasil sendo do Japão vae ser feliz e grande.

E o amigo deve saber que cada japonéz é um soldado temível, que não tem medo de nada, nem da morte e tudo sacrifica e todo perigo arrasta para a felicidade do Japão. Nós podemos collocar em poucos annos mais de um milhão de patrícios na America do Sul, para garantia do nosso domínio futuro.”

Hiro bocejava muito. Dava todos os signaes de quem tem somno. Já passava da meia noite quando consegui que meu amigo se deitasse e dormisse em somno profundíssimo e reparador.

Reuni todos os papeis de Hiro que estavam espalhados pelo nosso quarto commum, mappas, cadernos, cartas, tudo em japonéz. Só pude comprehender um mappa da America do Sul com duas linhas sinuosas encarnadas, uma ao Norte em direcção ao Amazonas, outro ao Sul, entre Pacifico e Atlantico e nesses traços encarnados pontos negros indicando núcleos coloniaes nipponicos. Fiquei bem aprehensivo com a parolagem louco do meu amigo. Custei a dormir. Ouvi baterem 1, 2 e 3 horas da manhã. Afinal adormeci.

Já ia alto o sol, eram 9 e meia da manhã quando despertei. O leito do meu amigo estava vazio, como vazios estavam sua meza e seu armário. Procurei o dono do hotel, indaguei pelo Hiro.

- Ah! Doutor disse-me elle, hontem elle jantou só. Começou tomando oito aperitivos duplos. Misturou cognac, fernet, pinga, vermuth; depois no jantar pedio vinho, uma, duas, três, quatro garrafas; depois da quarta, disse-lhe que não tinha mais. Pedio então chop. Foram servidos seis chops, depois do sexto,

disse-lhe que não tinha mais. O homem exasperou-se. Disse-me que mandasse buscar qualquer bebida que queria beber, queria festejar a victoria do Japão. Parecia um louco. Disse que era um oficial do exercito japonéz, que era membro do estado maior do exercito japonéz de occupação de São Paulo e estava em inspecção ás colônias militares e ás fortificações. E que todos deviam obedecel-o porque representava o Japão, futuro dono do Brasil. Foi preciso mandar chamar colonos japonezes para contel-o e só assim conseguimos desarmal-o e leval-o para o quarto.”

Um cabo de polícia acrescentou: - “Que elle é qualquer cousa é, porque os colonos fizeram continência e o trataram com o maximo respeito e ficaram de guarda durante toda a noite na calçada do hotel, para garantirem sua sahida no dia seguinte pela madrugada.”

Está explicado o motivo do sonho louco e amarello do meu amigo nipônico, *In vino veritas...* Eu não contei esse caso a ninguém. Somente agora é que o conto aos distinctos leitores.

Mas, mesmo assim eu o faço com toda a reserva e peço a cada leitor que não conte a ninguém que guarde segredo para não envergonhar, nem comprometter ao meu illustre amigo Hiro Fujiato.

*DR. T. MIRANDA*